

FAMÍLIA & FÉRIAS: O QUE ISTO TEM A VER COM A GESTÃO?

Denize Dutra

Sou incansável na busca do aprendizado. Neste mês, inspirada pelas curtas férias de julho (aqui no Brasil) e ciente de que, deste outro lado do Atlântico, muitas pessoas estariam aproveitando as suas férias de verão, decidi refletir sobre o que essas experiências podem nos ensinar sobre a gestão. Certamente, podemos passar as nossas férias sozinhos, mas, como a maioria de nós aproveita este período para estar mais com a família, é fundamental para nossa reflexão considerar este contexto, pois mesmo que fiquemos em nossa própria casa, isso já provoca alguns questionamentos.

A família, além de ser a nossa primeira organização, é a mais primária no sentido de sua complexidade, porém seu componente afetivo pode, paradoxalmente, tornar tudo mais complexo do que nas organizações do trabalho, onde os vínculos são mais superficiais.

É, ou pelo menos deveria ser, na família onde aprendemos a lidar com diversidade apesar da constante busca de unidade que permeiam as famílias de modo geral. Todos desejam ter e fazer parte de uma família unida e harmoniosa. Em família, descobrimos que, mesmo quando fomos educados com base nos mesmos princípios, valores e crenças, na interação com o mundo, cada um percebe, assimila, reforça aspectos diferentes desta base comum. Somado a isto, as diferenças de personalidade e as experiências que são singulares a cada um, nos deparamos com uma enorme diversidade, que no cotidiano nem sempre nos damos conta, mas que no convívio das férias emergem de forma divertida ou não, dependendo do nosso maior ou menor preparo para lidar com a situação. Geralmente é no momento das escolhas, das decisões entre o que comer/fazer/ir/... , que as diferenças se evidenciam.

Nesse momento, como nas empresas, é preciso alinhar expectativas, buscar consenso e, dependendo de quem são as personagens (crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos) é necessário que "alguém" decida, dê a direção, assuma os riscos, enfim, que seja assertivo.

É natural que em família nos sentamos mais amados, seguros, aprovados e, por isso, nossa capacidade de exposição aumenta, nossos "feedbacks" são mais diretos (e nem sempre seguimos as regras, que aprendemos em nossas empresas, para torná-los mais eficazes e construtivos), gerando situações de conflito. Talvez, por termos a garantia dos vínculos sanguíneos, descuidamos um pouco do afeto e não cuidamos tanto das palavras. Ou, ao contrário, queremos proteger tanto o outro, que não expressamos aquilo que desejamos e precisamos, tornando as relações muito frágeis, por não estarem pautadas na verdade e na franqueza.

Também na família, como ocorre nas empresas, podemos perder o foco da missão, da visão de futuro de todos, dos valores e agirmos impulsionados pelos interesses pessoais dos mais influentes e de objetivos que nem sempre estão alinhados com a missão de "Ser a família Tal" e "realizar um projeto de vida", "contribuir com algo que seja mais essencial do que as conquistas materiais". Isto corresponderia nas empresas a visar somente o lucro e não entender que ele é apenas a condição para que a missão se concretize, não o fim em si mesmo. Toda a família precisa de dinheiro, pois garante em primeira instância a própria sobrevivência, a qualidade de vida, e a possibilidade de realização de outras necessidades de ordem sociais e psicológicas. Mas qual é a medida?

Os apelos do mundo moderno são tantos que, nem sempre, percebemos que nossos filhos, e até nós mesmos podemos estar nos distanciando de valores que são proferidos em nossos discursos, mas que, nem sempre, são manifestos em nossas ações. Muitas vezes, não fazemos “as coisas erradas” que tanto criticamos, mas ficamos passivos diante delas, e não reforçamos, na educação familiar, as conseqüências disso para a sociedade e os antídotos para essas atitudes inadequadas. Permitimos que se construam as crenças de que os fins justificam os meios, ou que vale tudo para se realizar os desejos individuais, em detrimento do bem-estar coletivo. Exemplos simples: pessoas jogando lixo pelas janelas dos carros nas estradas, burlando as normas de trânsito, levando animais e praticando esportes proibidos nas praias, tomando atitudes inadequadas durante os jogos e atividades competitivas e de lazer, e por aí vai...

Por comodidade preferimos as crianças vendo a TV e ficando diante dos computadores horas distraídos, ao invés de estimular, o “ócio criativo”, a busca das novidades, de explorar os ambientes, de fazer novos amigos, de cantar, brincar resgatando o lúdico.

Assim como nas empresas, muitas vezes preferimos liderar as pessoas que se adaptam bem às rotinas, apenas as cumprem, não questionam, não incomodam, não cobram, não propõem mudanças, enfim “ficam na delas” e com isto não nos tiram da nossa zona de conforto.

Quando estamos trabalhando, devido ao corre-corre, não temos tempo para fazer tudo o que gostaríamos para nos divertir, informar, descobrir mas, quando estamos de férias, se não cuidarmos, acabamos reproduzindo o mesmo padrão, indo para os mesmos lugares, fazendo exatamente as mesmas coisas. As férias são oportunidades para conhecermos novos lugares, novas pessoas ou fazer coisas diferentes na própria cidade onde vivemos. É muito comum conhecermos mais museus e pontos interessantes fora, do que onde vivemos. Até mesmo as conversas em família, a “contação de estórias e casos” interessantes, tudo fica esquecido, devido à televisão e aos computadores. Não se exercita a expressão, o saber ouvir, o diálogo.

Talvez porque fiquemos mais relaxados nas férias, as idéias borbulham em nossa mente. Quando elas dizem respeito ao nosso trabalho, devemos apenas anota-las, para quando retornarmos, recuperá-las e aproveitá-las, se for esse o caso. Aquelas que dizem respeito à vida pessoal, esse é momento de aproveitá-las, de repensar e recarregar nossas energias para os novos desafios.

Nas férias também podemos descobrir, frente às oportunidades que surgem, novos talentos em nós mesmos e nas pessoas que estão convivendo conosco,: cozinhar, dançar, fotografar, cantar, e tantos outros.

Enfim, não aprendemos somente quando aproveitamos as férias para fazer cursos, assistir palestras e filmes, ir a museus, ler livros, ouvir músicas, mas quando estamos abertos a viver novas experiências! Isto também pode nos tornar melhores gestores, de nós mesmos, do tempo, das pessoas... Você, leitor, concorda? Então, pense sobre tudo o que aprendeu em suas férias!

Setembro 2006